

## Introdução

### *UNIVERSidades: Redes e Identidades*

São novos e cada vez mais crescentes os desafios que se colocam hoje a publicações científicas como a *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. O conhecimento em geral está sujeito a múltiplas novidades e tensões, responsáveis por o tornarem cada vez mais multipolar, ao nível da sua origem e produção; hiperespecializado e interdisciplinar, no que se refere à sua natureza; global, em termos da sua disseminação e alcance; e, acima de tudo, marcado por uma pronunciada aceleração tecnológica, cujos limites são difíceis de prever. Por sua vez, rodeia-o um princípio geral de incerteza – na aceção sugerida por Karl Popper, que considera todo o conhecimento como transitório, apenas válido enquanto resistente à refutação. Acresce ao anterior, a notória falta de agenciamento e de mediação subscritas pelas teses contemporâneas da pós-verdade e do pós-factual, perturbando a receção do saber produzido por instituições autorizadas, o que se constitui como um fator de entropia e de gradual ceticismo, afetando a ciência contemporânea no seu conjunto. Nessa medida, a variabilidade, a volatilidade e as dúvidas que cercam o tempo presente impõem à universidade uma reflexão sobre si própria e sobre o seu lugar no mundo do saber e do conhecimento. Um contexto no qual as instituições universitárias obtiveram, logo desde as suas origens medievais, um enorme protagonismo, assumindo-se como os principais mecanismos de produção, transmissão e validação do saber no Ocidente, num modelo posteriormente dinamizado e exportado para outros espaços.

O caderno que a seguir se apresenta resulta justamente da autoconsciência acerca do papel incerto que cabe à universidade no novo contexto que a enforma e da necessidade existente de proceder a uma reflexão e a um recenramento. São os mesmos motivos que levaram, em primeira instância, à criação, em 2020, de um seminário dedicado à História das Universidades que já vai na terceira edição. A novidade das temáticas e o interesse nelas gerado durante as conferências fez surgir a ideia de desafiar os participantes das duas primeiras edições a publicar uma versão final dos seus textos, incorporando já o resultado das discussões surgidas, permitindo desse modo alcançar um pú-

blico mais vasto. Chegou-se, assim, aos quatro contributos que formam o presente caderno: *Monarchy and Universities in the Hispanic kingdoms (13<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> centuries): interventionism in their government and funding*, de Susana Guijarro, da Universidad de Cantábria; *Le studium au miroir des Bibles moralisées. Exégèse morales et imaginaire social des maîtres parisiens (XIII<sup>e</sup> - XV<sup>e</sup> siècle)*, de Antoine Destemberg, da Université d'Artois; *Los manuales de Alonso de la Vera Cruz y la Universidad de México del siglo XVI: enseñando teología y artes desde una perspectiva misionera*, de José Luis Egío García, do Max Planck Institut for Legal History and Legal Theory, de Frankfurt; e *Giovanni Botero e gli itinerari del Sapere fra Umanesimo e prime inquietudini barocche*, de Alice Raviola, da Università degli Studi di Milano.

Tal como no ciclo de seminários que lhe deu origem, a ênfase deste caderno foi colocada na qualidade e no equilíbrio das contribuições, pretendendo-se ainda garantir a diversidade das abordagens feitas ao tema, no pressuposto de que a multiplicação das perspectivas é essencial para uma compreensão mais consciente, informada e atenta dos fenómenos ligados à vida universitária, nas suas múltiplas dimensões e interseções com o tecido social. A diversidade dos pontos de vista foi assegurada de várias formas, a saber: 1) pelo olhar plural dos autores dos artigos, de várias nacionalidades e ligados a diferentes escolas e tradições de investigação; 2) pelo largo horizonte cronológico observado, que vai desde a época fundacional das universidades, na Idade Média plena, até ao barroco da Idade Moderna; 3) pelos espaços e escalas de observação, que incidem em vetores locais (Paris), regionais (Península Ibérica) e globais (relações transatlânticas entre a Europa e a América); 4) pela grande latitude dos objetos de estudo, atentos à gestão e funcionamento universitário (Guijarro), à função cultural das universidades (Raviola), às questões identitárias dos seus corpos constitutivos (Destemberg) e à transmissão de modelos de funcionamento e organização (Egío). Tudo tópicos que se inscrevem nos principais filões de investigação que na atualidade são objeto de discussão por parte dos historiadores das universidades, dizendo respeito a relações entre poderes, agentes universitários (mestres e estudantes), grelhas de saber escolar, mobilidade e circulação académica, gestão e recursos universitários e trajetos e carreiras profissionais dos graduados pelas universidades.

Susana Guijarro assina o primeiro texto, onde estuda as universidades dos territórios das coroas de Castela e de Aragão, entre os séculos XIII e XV. Nele, apresenta uma reanálise da ação e influência dos monarcas na fundação, dotação patrimonial e suporte político dessas universidades, reconsiderando o papel e a interferência de outros poderes (laicos e eclesiásticos), durante o período em estudo.

Profundamente conhecedora da história dos bispos e dos cabidos de Leão e Castela, desde os séculos XI e XII, a autora reavalia o papel destes na fundação e gestão das universidades, fosse através do aconselhamento dos monarcas, fosse através do diálogo com a Cúria Pontifícia. Por sua vez, do lado aragonês, onde as primeiras universidades surgem a partir do século XV, destaca a reivindicação e a mobilização de vontades dos governantes locais e das elites urbanas com vista à fundação e promoção destas instituições. Provido de um aparato crítico notável, este estudo assenta num sólido *corpus* documental, proveniente dos dois territórios políticos. Da sua leitura ressalta não só a análise comparativa entre os dois espaços, como também uma reflexão sobre a história e o papel das universidades, enquadrada nos contextos mais amplos da história política das coroas de Castela e Aragão e da história das universidades europeias.

Segue-se o estudo de Antoine Destemberg. Nele faz convergir dois dos seus temas de eleição, a sociogénese dos universitários de Paris e a influência deste grupo na consolidação do poder político do rei, com a análise do texto e da iconografia que compõem as *Bíblías Moralizadas*: um *corpus* produzido em Paris (1220-1435), composto por Bíblías profusamente iluminadas, com propósitos exegéticos e pedagógicos, dirigidos não só a mestres e estudantes de Teologia, como também aos monarcas e à sua corte.

O artigo divide-se em três análises: das representações dos *doutores*, mestres de Teologia; das representações dos escolares; das representações da comunidade de saber que unia os dois grupos anteriores, no estudo da *doctrina*. Nelas, o autor faz ressaltar a representação simbólica do mundo que atravessa estes manuscritos, projetando uma ordem moral e social hierarquicamente esquematizada, encabeçada pelos mestres de Teologia de Paris. Por sua vez, os escolares são o grupo mais certamente visado pelos objetivos de edificação moralizadora destes livros, que procuram contrariar e condenar os vícios mundanos e os desvios de comportamento, despoletados pela atração que o dinheiro, oferecido por reis e prelados corruptos, exercia sobre eles. Juntos, mestres e estudantes de Teologia constituíam uma comunidade de um saber supremo enaltecido, na narrativa textual e iconográfica destas bíblías, sobretudo pela oposição ao direito civil e à medicina.

O caderno temático prossegue com dois trabalhos de viés comparativo, referentes à maneira como as universidades se adaptaram a tempos e geografias novos, de cruzamentos e contrastes, que combinaram tradição e rutura, fluxos e refluxos, correntes e contracorrentes, e em que o homem, sem deixar de ser criatura de Deus, chegaria, pelo menos no plano teórico-filosófico, ao topo da sua dignidade.

O artigo de José Luis Egío García reflete sobre o modelo de ensino praticado na Universidade do México (1533), visando discutir aspetos decisivos e historiograficamente novos que têm sido objeto de eleição pela investigação realizada na instituição onde trabalha, e que, no fundo, cabem na seguinte questão: os modelos institucionais construídos nas Américas foram meras reproduções dos europeus ou, ao invés, foram dotados de uma matriz própria adaptada às idiossincrasias locais?

A tentativa de captar essas particularidades leva Egío García a avançar várias conclusões, designadamente: a de que um dos elementos distintivos da universidade mexicana residia na função de formar missionários para a conversão das populações ameríndias; a de que a Teologia foi instrumentalizada pelo clero para fins ministeriais e o ensino se adaptou aos costumes e tradições indígenas sem se afastar dos preceitos fundamentais da doutrina cristã; e a de que Alonso de la Vera Cruz foi elemento chave da (e na) formação de uma rede eclesiástica transatlântica que entendia e fomentava a formação missionária tendo em conta a complexidade cultural do mundo americano. Ter ido além de uma história institucional universitária, centrando-se na análise de elementos específicos e característicos do ensino de Vera Cruz como figura que estabeleceu a conexão entre os debates teológicos da sua universidade de formação (Salamanca) e as necessidades pastorais do território hispano-americano, é um dos pontos mais salientes deste estudo.

Por seu turno, Blythe Alice Raviola, autora de percurso consolidado e aberto a abordagens historiográficas diversas no âmbito da História Social da Europa na época moderna, apresenta um estudo centrado no percurso de dois “intelectuais inquietos”, Giovanni Botero e Erasmo de Roterdão, designadamente procurando captar o pensamento do primeiro em relação à função cultural das universidades europeias. Mais conhecido por ter sido um dos primeiros a estabelecer a ideia de uma isenção moral para o Estado, Botero revelou outras facetas, que este artigo procura redescobrir.

Pese embora o facto de já ter sido biografado pela autora (2020), aparece aqui envolto num olhar novo, que procura problematizar as possíveis ligações entre instrução e prosperidade económica, que escorrem das reflexões produzidas sobre a Universidade daquele tempo. Partindo de algumas das suas mais notáveis obras, tematicamente situadas entre a maravilha da natureza e a experiência política, verdadeiras referências para as dinastias e elites europeias de então, a autora demonstra como o conceito que Botero fazia dos *Studia* enquanto possibilitadores da realização social, garantes da disciplina moral e centros pulsantes para a vida das cidades, circulou e influenciou durante muito tempo círculos restritos de teóricos políticos e económicos.

O leitor encontrará neste caderno, em suma, novas perspetivas de análise atentas às interconexões entre as várias instituições de ensino na Europa numa perspetiva *glocal*; ao seu papel na construção das identidades e na reflexão em tornos do(s) outro(s); à maneira como receberam, como se adaptaram e até contribuíram ou impulsionaram correntes culturais e movimentos intelectuais; e ao modo como se constituíram em focos de irradiação do saber nas latitudes mais diversas.

ARMANDO NORTE

U. Coimbra, CHSC | U. Lisboa, CH

armandonorte@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2057-3116>

JAIME RICARDO GOUVEIA

U. Coimbra, CHSC

jaime.gouveia@uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-2435-7384>

MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS

U. Coimbra, CHSC

melicampos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3131-7356>



---

## Introduction

### ***UNIVERSITIES: Networks and Identities***

Science publications such as the *Revista de História da Sociedade e da Cultura* face new and increasing challenges. Knowledge is always subject to innovation and pressure from many angles. It grows multipolar in its origin and in how it is produced; it becomes hyper-specialised and interdisciplinary in nature; and more global in dissemination and reach. Above all, it is affected by the sharp pace of technology, whose limits are difficult to predict. Besides, it is ruled by the principle of uncertainty – in Karl Popper’s understanding that knowledge is always fleeting, valid only until it becomes refuted. In addition, contemporary post-truth and post-factual theses are not as willing to convey or mediate knowledge, thereby disrupting how knowledge generated in “authorised” institutions is received. Entropy and gradual scepticism thus bear on science as a whole. To that extent, the variability, volatility, and range of doubts felt in our time have forced universities to reflect on their nature and position regarding knowledge. This is a context in which the university has played, ever since its medieval origin, a significant part as the main agent of production, transmission, and validation of knowledge – a model developed in Western Europe and eventually energised enough to take root elsewhere.

This special issue results from awareness that the university’s role is uncertain in our day – regarding the context that shapes it along with the need to reflect and refocus. In 2020, these reasons led to the creation of a seminar on the History of Universities, now in its third year. The originality of the papers and the interest the sessions attracted have led to the publication of revised seminar talks for the first two years. The publication incorporates the results of seminar discussion, thereby reaching a wider audience. Four articles were the result: *Monarchy and Universities in the Hispanic kingdoms (13<sup>th</sup>-15<sup>th</sup> Centuries): Interventionism in their Government and Funding*, by Susana Guijarro (Universidad de Cantabria); *Le studium au miroir des Bibles moralisées. Exégèse morales et imaginaire social des maîtres parisiens (XIII<sup>e</sup>-XIV<sup>e</sup> siècle)*, by Antoine Destemberg (Université d’Artois); *Los manuales de Alonso de la Vera Cruz y la Universidad de México del siglo XVI: enseñando teología y artes desde*

*una perspectiva misionera*, by José Luis Egío García (Max Planck Institut for Legal History and Legal Theory); and *Giovanni Botero e gli itinerari del sapere fra Umanesimo e prime inquietudini barocche*, by Alice Raviola (Università degli Studi di Milano).

As with the seminar series, this special issue relies on the quality and balance of the papers, and on the diversity of approaches, deemed essential for the conscious, informed and attentive understanding of university life in its multiple dimensions and intersections with society. This diversity in points of view manifests in several ways: 1) in the pluralistic perspective taken by authors of different nationalities, tied to different schools and research traditions; 2) in the wide chronological frame, ranging from the founding period of universities in the Middle Ages through to the baroque age; 3) in the space and scale of observation, from local (Paris), to regional (the Iberian Peninsula), to global (Europe's transatlantic relations with America); 4) in the subject reach, from university management and operation (Guijarro); to the cultural function of universities (Raviola); to the identity of their constituent bodies (Destemberg); to the transmission of working models (Egío). All in all, these are subjects currently debated by university historians, including relations with stakeholders, university agents and protagonists, fields of knowledge, mobility and academic circulation, management and resources, and the professional trajectory and career of university graduates.

The first article, by Susana Guijarro, looks at universities in the territory held by the crowns of Castile and Aragon between the thirteenth and the fifteenth centuries. Guijarro examines afresh the royal action and influence upon the establishment, endowment and political support given to those institutions, reconsidering the role and interference of other powers (secular and ecclesiastical) in the period.

Demonstrating her knowledge of the history of cathedral chapters and bishops in Leon and Castile from the eleventh century onwards, the author reassesses their role in the founding and management of the Universities, through advice to monarchs and dialogue with the Pontifical Curia. In Aragon, where the first universities date from the fifteenth century, the author highlights the demands and motivations of local rulers and urban elites leading to the foundation and promotion of such institutions. Providing a remarkable critical apparatus, the study is based upon a solid documentary corpus from the two political territories. It offers a comparative analysis of the two while discussing the history and role of their universities, framed in the wider contexts of the political history of the crowns of Castile and Aragon as well as the history of European universities.



Next, two of Antoine Destemberg's favourite topics come together in an assessment of the sociogenesis of the Paris scholars and their influence in consolidating the king's political power, and in analysing the text and iconography depicted in the moralised bibles: a corpus, produced in Paris between 1220 and 1435, of profusely illuminated bibles having exegetical and pedagogical purposes, addressed not only to theology masters and students but also monarchs and their court. Destemberg's article divides into three analyses: the representation of professors (doctors in theology); the representation of students; and the representation of a community of knowledge bringing together in the study of doctrine the two groups mentioned. The author highlights the symbolic representation of the world in those manuscripts, projecting a hierarchically organised moral and social order, headed by the Paris masters of theology. Students are most clearly targeted by the books' moral objectives, aimed at counteracting and condemning worldly vices and deviations in behaviour, triggered by the deceitful effect of money as offered by corrupt kings and prelates. Professors and students of theology joined as a community of supreme knowledge, lauded in the bibles' textual and iconographic narrative, especially by contrast with civil law and medicine.

Two works of comparative scope follow, concerning the adaptation of universities in time and place, coming together but often contrasting, as a balance between tradition and rupture with its ebbs and flows, in which man, without ever ceasing to be God's creature, reached the summit of his dignity on a theoretical-philosophical level.

José Luis Egío García reflects upon the teaching system at the University of Mexico (1533). He discusses new and decisive historiographical aspects to inquire whether the institutional models in the Americas reproduced those of Europe or rather developed a mould of their own, adapting to the local context.

The attempt to distinguish these traits leads Egío García to several conclusions, notably that a distinctive element in the Mexican university was its role in training missionaries for the conversion of the Amerindian populations; theology was used by the clergy for ministerial purposes and teaching was adapted to indigenous customs and traditions without deviating from the fundamental precepts of Christian doctrine. Alonso de la Vera Cruz was a key figure in shaping a transatlantic, ecclesiastical network that understood and fostered missionary training taking into account the cultural complexity of the American world. Remarkably, Egío García goes beyond the institutional perspective taken in university history, rather focusing on the analysis of the characteristic teachings by Vera Cruz, who established the connection be-

tween the theological debates of the university where he had been educated (Salamanca) and pastoral needs in the Hispanic-American territory.

Lastly, Blythe Alice Raviola studies the trajectory of two “restless intellectuals”, Giovanni Botero and Erasmus of Rotterdam, seeking to capture Botero’s thinking regarding the cultural role of European universities. Best known for having been among the first to establish the notion of the state’s moral exception, Botero’s other facets are here rediscovered.

Even though Raviola has previously written Botero’s biography (2020), the article sheds additional light by questioning the links that may exist between education and economic prosperity, stemming from reflections produced in the university environment of the age. Looking back on some of Botero’s most notable works, espousing topics from natural bewilderment to the political experience – which became works of reference for the European dynasties and elites of the time – Raviola demonstrates how Botero’s concept of *Studia* (universities) as enablers of social achievement, guarantors of moral discipline, and throbbing urban centres, came to circulate, influencing small circles of political and economic theorists for a long time.

All told, new perspectives of analysis will be found in this special issue, attuned to the interconnections between some of Europe’s educational institutions in a “glocal” perspective in their role in building identities and reflecting (about) the other(s); the way universities received, adapted and even drove cultural currents and intellectual movements forward; and the way they became a setting where knowledge sprung across distinct geographical locations.

ARMANDO NORTE

U. Coimbra, CHSC

U. Lisboa, CH

armandonorte@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2057-3116>

JAIME RICARDO GOUVEIA

U. Coimbra, CHSC

jaime.gouveia@uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-2435-7384>

MARIA AMÉLIA ÁLVARO DE CAMPOS

U. Coimbra, CHSC

melicampos@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-3131-7356>